



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DO CURSO DE PEDAGOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA**

AMANDA OLIVEIRA SILVA

**PANDEMIA DA COVID-19 E O ENSINO REMOTO: UM OLHAR DO PROFESSOR
SOBRE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

AMANDA OLIVEIRA SILVA

**PANDEMIA DA COVID-19 E O ENSINO REMOTO: UM OLHAR DO PROFESSOR
SOBRE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Me. Maria Lúcia Serafim

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Amanda Oliveira.
Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto [manuscrito] : um olhar do professor sobre sua prática pedagógica / Amanda Oliveira Silva. - 2021.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Ma. Maria Lúcia Serafim ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Pandemia Covid-19. 2. Tecnologias. 3. Ensino remoto emergencial. 4. Prática pedagógica. I. Título
21. ed. CDD 371.3

AMANDA OLIVEIRA SILVA

**PANDEMIA DA COVID-19 E O ENSINO REMOTO: UM OLHAR DO PROFESSOR
SOBRE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação e Tecnologia.

Aprovada em: 14/05/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Maria Lúcia Serafim (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria do Rosário Gomes Germano Maciel
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

"O Senhor é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, e dele recebo ajuda. Meu coração exulta de alegria, e com o meu cântico lhe darei graças". (Salmos 28:7)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mudanças na prática pedagógica durante o ensino remoto na pandemia	18
Quadro 2 - Desafios enfrentados no ensino remoto na pandemia	20
Quadro 3 - No sentido de aprendizagem e rendimento, você considera o ensino remoto importante durante o período de pandemia?	21
Quadro 4 - Quais considerações você destaca sobre o ensino remoto frente ao contexto de pandemia?	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA	09
2.1	Formação de professores e tecnologias digitais	11
2.2	Prática pedagógica e o uso da tecnologia no processo de ensino aprendizagem	13
3	RESIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO “NOVO NORMAL”	15
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: ACHADOS DO ESTUDO	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	26

PANDEMIA DA COVID-19 E O ENSINO REMOTO: UM OLHAR DO PROFESSOR SOBRE SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Amanda Oliveira Silva¹

RESUMO

Este estudo propõe uma compreensão da prática pedagógica exercida durante a pandemia de Covid-19, tendo em vista o ensino remoto emergencial. Para tal, foi realizada uma análise, a partir da metodologia qualitativa de caráter exploratório, por meio de um questionário semiestruturado aplicado em uma escola particular, localizada na cidade de Campina Grande, Paraíba, com o objetivo de compreender como se deu a prática pedagógica dos professores dos anos iniciais durante o ensino remoto emergencial. Neste sentido, apoiamos-nos nos estudos de Kenski (2013), Masetto (2006), Valle e Marcom (2020), dentre outros, para o embasamento da análise e geração de dados aqui apresentados. Ressaltamos que a escola pesquisada já dispunha de recursos para que o ensino remoto acontecesse da melhor forma, não só neste cenário emergencial, mas, também, durante o ensino presencial. A escola já apresentava o uso de recursos tecnológicos como aliados ao processo de ensino-aprendizagem. Considerando o contexto em que estão imersos, os professores que foram pesquisados afirmaram que, mesmo sem o devido preparo e formação docente para o enfrentamento desta modalidade de ensino emergencial, conseguiram desempenhar um processo de ensino-aprendizagem satisfatório durante o período de ministração de aulas no ensino remoto.

Palavras-chave: Pandemia. Tecnologias. Ensino remoto. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This study aims an understanding of the pedagogical practice during the Covid-19 pandemic, owing to the emergency of remote education. For such, an analysis was carried out, using the qualitative methodology of exploratory nature, through a semi-structured questionnaire applied at school, located in the city of Campina Grande, Paraíba, with the goal of understand how the pedagogical practice of the Early Childhood and Elementary Education teachers during emergency remote education. In this sense, we rely on studies by Kenski (2013), Masetto (2006), Valle and Marcom (2020), among others, to support the analysis and data generation here presented. We emphasize that the researched school has subsidies for remote teaching to happen in the best way, not only in this scenario of emergency, but also during a regular teaching environment. The school already presented the use of technological resources as allies to the process of teaching-learning. Considering the context in which they are immersed, teachers participating in the research stated that, even without due preparation and teacher training to face this type of teaching

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: amandaaosilva2@gmail.com

emergency, managed to perform a satisfactory teaching-learning process during the period of remote education.

Keywords: Pandemic. Technologies. Remote Teaching. Pedagogical Practice.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 ficou para a história, após as primeiras confirmações de casos do coronavírus (SARS-CoV-2)² em *Wuhan*, na China. O mundo entrou em alerta e, no Brasil, não foi diferente. Em 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso de coronavírus foi confirmado no Brasil e, por se tratar de um vírus com alto índice de transmissão, algumas medidas emergenciais foram tomadas, uma delas foi o isolamento social, a fim de conter o avanço da pandemia. Com isso, em 17 de março de 2020, o Diário Oficial da União publicou, por meio da portaria nº 343, a substituição das aulas presenciais no período de 30 dias ou enquanto durasse a pandemia.

Com o distanciamento social imposto pela pandemia e a suspensão das aulas presenciais, surgiram consequências que acabaram pressionando, principalmente, a rede privada de ensino a buscar meios para atender a demanda de pais e estudantes. É diante desse cenário que se coloca em prática a modalidade de Ensino Remoto³, isto é, práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais que, até então, era mais comum em modalidades do ensino superior à distância, caracterizado por utilizar aplicativos com os conteúdos, atividades e/ou plataformas síncronas e assíncronas, como o *Teams (Microsoft)*, *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom*, dentre outras ferramentas *softwares*.

Vivemos uma era tecnológica de mudanças e adaptações constantes, e 2020 foi a prova disso com o surgimento da pandemia de COVID-19, em que foi preciso nos adaptarmos ao que chamamos de “novo normal”. Nessa perspectiva, para Tajra (2010), o importante é saber lidar com diferentes situações, resolver problemas imprevistos, ser flexível e multifuncional e estar sempre aprendendo. Foi esta a “exigência”, por assim dizer, que a educação, em tempos de pandemia, pediu dos professores e alunos. Entretanto, é preciso salientar que, mesmo antes do cenário pandêmico, o avanço tecnológico vinha tomando espaço no sistema educacional brasileiro, e a escola passou a adotar recursos tecnológicos como estratégia didática para a aprendizagem.

As práticas pedagógicas foram repensadas e adaptadas para este “novo normal”. Assim, professores, alunos e família precisaram se reinventar para não perder o ano letivo, e a maior preocupação durante este período pandêmico foi a de procurar estratégias e meios para diminuir os impactos do isolamento social, bem como a falta do ensino presencial. As formas de ensinar e aprender foram ressignificadas no ensino remoto emergencial, e, uma vez que a escola é um espaço de reinvenção, alunos e professores assumiram papéis jamais vistos na história. Para a surpresa de muitos, estes tornaram-se protagonistas diante desse cenário.

Desse modo, o professor precisou adaptar-se, utilizar as tecnologias como meio de aprendizagem e atuar como mediador do conhecimento, encontrando subsídios e estratégias para acomodar-se neste novo ambiente educacional. No entanto, sabemos que o processo de ensino envolve relações humanas, sendo assim, não podemos esquecer que os professores sofreram

² Linha do tempo do coronavírus: Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

³ Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

com a pressão dessa mudança brusca, tentando adaptar-se ao uso de recursos tecnológicos, além de ter que manter os alunos estimulados durante as aulas e, mesmo com as estratégias de ensino remoto estabelecidas em caráter emergencial cumprindo um papel importante para a redução dos efeitos negativos do distanciamento social, sabemos que esta modalidade possui limitações e não conseguirá substituir a experiência escolar presencial.

O interesse pelo estudo aqui apresentado deu-se a partir de experiências pessoais como estudante de Pedagogia, e profissionais, por fazer parte do corpo administrativo da escola pesquisada. Assim, surgiu a vontade de compreender a visão docente acerca das mudanças que aconteceram de forma repentina na prática pedagógica durante a pandemia da Covid-19.

O tema da pesquisa justifica-se pela necessidade de investigação das práticas pedagógicas no ensino remoto emergencial, exercidas durante o período de pandemia, e acredita-se que a relevância social deste tema está na compreensão das dificuldades enfrentadas pelos docentes, bem como nas contribuições desta modalidade de ensino emergencial para os estudantes e para todos que estão na educação básica, como os professores dos anos iniciais e os gestores.

Tendo em vista o contexto descrito, tivemos as seguintes questões problematizadoras: Quais os desafios enfrentados pelos docentes os anos iniciais durante o ensino remoto? Como o ensino remoto contribuiu para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes? Com o intuito de responder a estes questionamentos, o estudo, que é de natureza exploratória, teve como objetivo geral compreender como se deu a prática pedagógica durante o período de ensino remoto emergencial, sob o viés do olhar do professor dos anos iniciais.

Como objetivos específicos, nos propomos a conhecer o olhar do professor acerca da sua prática pedagógica no período de ensino remoto emergencial; identificar quais foram as maiores dificuldades enfrentadas na ministração de aulas remotas; e verificar quais as contribuições do ensino remoto emergencial na metodologia utilizada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa realizada contou com a participação de sete professores dos anos iniciais, de uma escola particular, situada em Campina Grande, Paraíba. Os sujeitos desta pesquisa responderam a um questionário semiestruturado no mês de dezembro de 2020, após terem ministrado aulas remotas no período de 09 de abril a 18 de dezembro de 2020. A análise dos dados coletados foi feita por meio do método qualitativo do tipo exploratório, mediante o arcabouço teórico, tendo em vista responder às questões problemas e aos objetivos propostos pelo estudo.

Este trabalho está organizado em quatro seções: Educação e tecnologia; Formação de professores e tecnologias digitais; Prática pedagógica e o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem; Resignificação da prática pedagógica no “novo normal”; Apresentação e análise dos resultados: achados do estudo e Considerações finais.

2 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Desde os primórdios, a humanidade vive em constante evolução e, com isto, emerge a necessidade de aprimorar práticas e instrumentos para facilitar a

vida cotidiana constantemente. Nesse sentido, as tecnologias, para Kenski (2007, p. 24), podem ser definidas como um “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento em um determinado tipo de atividade”, e que estão presentes nas mais simples ações humanas.

Já a educação, segundo Libâneo (2001), é um

conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal. (LIBÂNEO, 2001, p. 07).

Considerando esses conceitos de educação e tecnologia, é possível compreender o porquê de ambos serem indissociáveis, uma vez que sempre há uma reinvenção, pois a tecnologia precisa ser ensinada e, em sua maioria, as tecnologias são utilizadas como auxiliar no processo educativo, “elas estão presentes em todos os momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, à elaboração da proposta curricular”. (KENSKI, 2007, p. 44).

Nessa direção, podemos pensar que não são as tecnologias que irão revolucionar o ensino, mas, sim, a maneira como esta tecnologia é utilizada para a mediação pedagógica entre o professor e o aluno no processo educacional. Dessa forma, o processo educativo depende muito mais das pessoas que estão envolvidas no processo do que das tecnologias que são utilizadas.

Sabemos que a escola é um espaço de vivências, de aprendizagem e, principalmente, um espaço de transformação social. A sua importância, por vezes, foi deixada de lado e os desafios e mudanças que ocorrem ao redor fizeram com que a escola também mudasse, uma vez que seus agentes passam por transformações a todo instante. Para seguir essas constantes transformações, Kenski (2007) considera como um grande desafio para a escola adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios.

Apesar de a escola ser um espaço de transformação social, o seu caráter tradicional restringe o acesso e a interação com a informação, por meio de seus programas e currículos, bem como com a comunicação, que, por vezes, acontece de forma vertical (professor>aluno). Nesse caminho, o professor fala e o aluno escuta. No entanto, o ensino mediado pelas tecnologias pode contribuir para a quebra deste ensino vertical, proporcionando novos espaços de informação e aprendizagem, facilitando a comunicação e a interação entre o educador e o educando.

Cortella (2014), filósofo e educador brasileiro da atualidade, traz uma reflexão acerca das mudanças bruscas que a escola passa, advertindo que é preciso “transformar momentos graves em momentos grávidos” (CORTELLA, 2014, p. 20). E o que isso significa? Significa que precisamos ressignificar os momentos de crise e transformá-los em momentos de crescimento e aprendizagem, gerar uma nova perspectiva acerca do problema, do contrário, não estamos evoluindo, mas, sim, estamos apenas esperando as crises acabarem.

Dessa forma, Cortella (2014) nos faz refletir e pensar que

É preciso uma regeneração dessa questão numa convivência, num espaço que não seja arcaico, em que a tecnologia tenha a sua presença, que o ensino não seja de conteúdos abstratos, mas que sejam ideias que tragam a reflexão do concreto. (CORTELLA, 2014, p. 31).

Nessa perspectiva, vimos que a crise instaurada pela pandemia da Covid-19 produziu efeitos permanentes na forma de ensinar e aprender. A necessidade de adaptação ao “novo normal” fez com que a educação e os seus envolvidos procurassem formas de se reinventar e inovar no modo como promovemos o saber.

2.1 Formação de professores e tecnologias digitais

A formação docente sempre foi um ponto de grande importância na educação e, diante das dificuldades encontradas em 2020, a fim de adaptar o ensino ao “novo normal”, essa questão ficou em evidência, percebendo-se, na prática, que grande parte dos professores não estavam preparados para enfrentar o ensino remoto emergencial e o uso de recursos tecnológicos.

Em novos tempos e com a constante evolução tecnológica, Kenski (1997) afirma que

As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso que se esteja em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo. Não existe mais a possibilidade de considerar-se alguém totalmente formado, independentemente do grau de escolarização alcançado. (KENSKI, 1997, p. 60).

A realidade educacional é um pouco contraditória, apesar da constante evolução tecnológica e de sua presença nas escolas, ainda nos deparamos com a falta de formação continuada para o uso adequado dos recursos tecnológicos, o que coloca esses recursos como meras ferramentas mal utilizadas.

E, seguindo a lógica do pensamento de Kenski (1997),

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentamos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos e dispensá-los em outros instantes. (KENSKI, 1997, p.61).

De fato, não podemos pensar a formação docente, nos dias de hoje, sem a presença da qualificação no uso de recursos tecnológicos, pois isso significa aliar novos modos de aprender do professor aos novos modos de ensinar deste professor, juntando, dessa forma, os recursos tecnológicos ao processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, a necessidade de uma reflexão sobre a formação continuada de professores está em torno de quem é esse profissional, qual a base teórico-metodológica o orienta para sua ação pedagógica, que objetivos deseja alcançar, como planejar, como utilizar os recursos tecnológicos que tem à disposição com objetivo de melhorar as práticas de ensino e de aprendizagem.

Sabemos que a escola atua como um agente de transformação social, e que o professor é o principal agente desse processo. Assim, para que tal transformação aconteça, velhas práticas precisam ser repensadas e reformuladas, a fim de atender às demandas de uma sociedade conectada, e, para tanto, a formação de professores entra como uma dessas práticas que precisam passar por um processo de reformulação. Dessa forma, conforme Nóvoa (2007):

A formação dos professores continua hoje muito prisioneira de modelos tradicionais, de modelos teóricos muito formais, que dão pouca importância a essa prática e à sua reflexão. Este é um enorme desafio para a profissão, se quisermos aprender a fazer de outro modo. (NOVOA, 2007, p. 16).

É nesse sentido que a prática docente precisa ser pensada, de forma que haja um rompimento com as práticas tradicionais de ensino. Nóvoa (2007) ainda afirma que há um déficit de práticas na formação, bem como na reflexão dessas práticas.

As afirmações de Nóvoa (2007) nos coloca diante da constante necessidade de mudanças e nos faz refletir sobre como anda a formação de professores em nosso sistema educacional. Podemos pensar que uma sociedade que vive em constantes mudanças necessita de profissionais que acompanhem o seu ritmo, que não caiam em defasagem e, para isso, Kenski (2013, p.95) afirma que “devemos pensar na formação desse também novo professor, para que ele saiba atuar com qualidade, em qualquer tempo e lugar.” O que se propõe é uma formação focada no desenvolvimento intelectual do professor, baseada na reformulação do pensamento, “com o objetivo de levar aos educadores uma visão – concepção mais sistêmica do conhecimento, e na autonomia de suas ações” (KENSKI, 2013, p. 105).

Sobre a formação de professores, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no art. 62, prevê:

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Destacamos, que, a lei garante a formação continuada do professor, além de sua formação inicial, no entanto, na prática, percebemos que essa formação está em defasagem. Grande parte dos professores buscam por conta própria cursos de qualificação nas mais diversas áreas, a fim de melhorar suas

práticas pedagógicas e acompanhar as constantes transformações que ocorrem na sociedade.

Dessa forma, faz-se necessário que a formação do professor para o uso pedagógico dos recursos tecnológicos ocorra na ação docente, de forma reflexiva e crítica sobre essa ação. Sendo assim, o professor, ao se apropriar didática e, conscientemente, acerca do uso das tecnologias digitais na educação, estará em condições de propor mudanças nos processos de ensino e de aprendizagem.

Para tal, é preciso que o sistema educacional invista não apenas na formação inicial do educador, mas, também, em uma formação continuada e adaptada a novos contextos de ensino-aprendizagem, a fim de que os professores redirecionem e aprimorem seus conhecimentos, utilizando os recursos tecnológicos como aliados no processo de ensino-aprendizagem.

Com base nas reflexões sobre a formação de professores no contexto de adaptação ao ensino remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19, a prática pedagógica também precisou ser revista ou ressignificada.

2.2 Prática pedagógica e o uso da tecnologia no processo de ensino aprendizagem

A educação escolar, por muito tempo, e, até os dias de hoje, possui resistência no que se refere ao uso de novas tecnologias no auxílio da aprendizagem, no sentido de não valorização da tecnologia como um meio de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo e prazeroso tanto para o professor quanto para o aluno. Esta é uma discussão que veio com mais evidência no ano de 2020, devido ao contexto de distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19, que nos levou ao ensino remoto.

Pensando nisso, quando refletimos sobre a formação do professor, podemos levantar questionamentos no que se refere ao uso e à adaptação às novas tecnologias, uma vez que “o professor é formado para valorizar conteúdos e ensinamentos acima de tudo, e privilegiar a técnica de aulas expositivas” (MASETTO, 2006, p. 134). Nesse sentido, o professor passou por um processo de ressignificação de suas práticas, a fim de obter rendimentos satisfatórios ou, ao menos, salvar o ano letivo durante o período de aulas remotas.

Nos dias atuais, as tecnologias oferecem novos desafios. As novas formas de comunicação e à interação por meio da rede dão origem a novas formas de aprendizagem. É preciso destacar, nessa direção, que os recursos tecnológicos se diferenciam no seu modo de uso e nas formas de apropriação pedagógica, que, por vezes, não facilitam a aprendizagem, e põe todo o trabalho pedagógico a perder, conseqüentemente, surge a dúvida sobre a credibilidade do uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, sabemos que utilizar de forma adequada esses recursos para fins educacionais é uma exigência da sociedade atual.

Dessa forma, voltamos a afirmar que a tecnologia precisa ser vista como um meio, um instrumento no processo de ensino-aprendizagem e, nessa perspectiva, se faz necessário que o professor, como facilitador da aprendizagem, leve em consideração alguns fatores para o sucesso de sua prática na utilização das ferramentas tecnológicas:

a busca dos melhores recursos para que a aprendizagem realmente aconteça, o acompanhamento contínuo do aprendiz motivando-o em direção aos objetivos educacionais, a possibilidade da interação à distância, a avaliação do processo e dos resultados da aprendizagem esperada, a reconsideração do relacionamento professor-aluno e aluno-aluno. (MASETTO, 2006, p. 136)

Os fatores apresentados acima são formas de otimizar a aprendizagem por meio da tecnologia. É fato que, como professor, é preciso superar limites e se reinventar, conforme Freire (1996, p. 24) bem coloca, em *Pedagogia da Autonomia*, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

A busca por uma aprendizagem efetiva deve ser incessante, não apenas no ensino presencial, mas, também, no ensino remoto emergencial. Nessa perspectiva, a utilização de recursos tecnológicos é de grande importância, se tais recursos forem escolhidos de forma correta, de acordo com os objetivos e metas a serem alcançados pelo educador tendo em vista seu educando, como afirma Masetto (2006, p. 143) “as técnicas precisam ser escolhidas de acordo com o que se pretende que os alunos aprendam”.

É sabido que, muitas vezes, os professores possuem resistência ou, ainda, dificuldades no manuseio e na escolha das tecnologias para facilitar o processo de ensino, ou, até mesmo, o medo de ser “substituído” pela máquina, porém, faz-se necessário uma busca constante de capacitação e reformulação da prática pedagógica, a fim de acompanhar as mudanças que o mundo digital nos concede. Dessa forma, é preciso fugir de práticas expositivas que limitam a aprendizagem. Contudo, há, por vezes, resistência ao novo, como já dizia Freire (1996, p. 30): “ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho, e se ‘dispõe’ a ser ultrapassado por outro amanhã”.

Sendo assim, pensar a prática pedagógica adaptada a este novo cenário que exige uma reinvenção da escola e de todos os envolvidos coloca, ainda mais, a importância das tecnologias como aliadas do ensino e da aprendizagem, enxergando-as como o meio facilitador do processo, rompendo com práticas retrogradadas e engessadas. Nesse sentido, Kenski (2003) ressalta a importância de novas metodologias aliadas às tecnologias:

No atual estágio da civilização, as tecnologias digitais de comunicação e informação possibilitam novas formas de acesso à informação, novas possibilidades de interação e de comunicação e formas diferenciadas de se alcançar a aprendizagem. Essas tecnologias, no entanto, requerem um amplo conhecimento de suas especificidades para que possam ser utilizadas adequadamente em projetos sistemáticos de educação. (KENSKI, 2003, p. 01).

Assim, acredita-se que esta necessidade não se deva ao imperativo da pandemia que vivemos, mas, sim, tendo como foco uma reconstrução destas práticas que não dão conta da complexidade em que se vive e que exige, além da apropriação de novas tendências aliadas às tecnologias da informação e comunicação, o olhar para uma sociedade multifuncional.

3 RESIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO “NOVO NORMAL”

Vivemos um ano intenso e, sobretudo, cheio de novos desafios. Com a educação, não foi diferente. O cenário imposto pela pandemia de Covid-19 nos convidou, ou melhor, nos obrigou, a uma adaptação rápida e cheia de exigências. A forma como ensinamos e aprendemos foi repensada e adaptada a esse cenário pandêmico, ao qual chamamos de “novo normal”, devido à necessidade de nos isolarmos e nos distanciarmos, a fim de conter o avanço do vírus.

As práticas pedagógicas exercidas nas escolas tiveram que ser ressignificadas, ou seja, foi preciso atribuir um novo sentido, a fim de alcançar os objetivos do ensino-aprendizagem, uma vez que elas passaram por mudanças rápidas, com o intuito de atender às exigências que o novo contexto nos solicitava. Nessa direção, é sabido que, para nós, seres humanos, é difícil sair da zona de conforto e nos colocar em uma posição totalmente desconhecida, enfrentar o novo.

E, ainda, não se pode desconsiderar os desafios da vida docente diante da pandemia, haja vista que entra em cena, na vida do professor, suas condições de digitalização, suas obrigações cotidianas e a invasão da tecnologia à sua vida diária. Expomos, aqui, esta posição, tendo em vista que ela está sendo veiculada em todos os meios e mídias sociais, bem como perto de cada um de nós, porque, em nossos lares, se fez necessário uma reorganização da vida pessoal dos docentes, tendo que conciliar a rotina pessoal e o trabalho docente remoto. Outrossim, é preciso desbravar e avançar mediante os desafios, e foi isso que o sistema educacional “exigiu” da comunidade escolar, principalmente, dos professores.

Diante de tantas mudanças impostas pelo “novo normal”, os professores precisaram adaptar-se aos desafios e:

Precisaram se reinventar e repensar o processo de ensino e aprendizagem, que, de hora para outra, passou a ser realizado de forma não presencial, obrigando professores e alunos a adaptar-se à novas condições impostas sem o devido planejamento e tão pouco a disponibilidade de formação docente. (VALLE; MARCOM. 2020, p. 140).

Desse modo, não só as práticas pedagógicas tiveram que ser repensadas e contextualizadas, mas, também, todo o sistema de ensino brasileiro, que passou e ainda passa por um momento de reinvenção para atender às necessidades impostas. Assim,

este processo despiu e mostrou a sociedade uma realidade que vem provocando inquietações, angústias, críticas e reflexões, mas que ainda demanda ações efetivas no sentido de preparar a escola e seus profissionais para enfrentarem situações tão imprevisíveis como a vislumbrada atualmente. (VALLE; MARCOM, 2020, p. 141).

É neste cenário de muitas mudanças que emergiram reflexões acerca das competências e habilidades que o professor precisa para o enfrentamento de situações emergenciais e para a utilização de recursos tecnológicos, considerando o processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, segundo Tarouco e Abreu (2017, p. 20), “capacitar o professor para usar mídia

na educação é mais do que uma simples instrumentação”, ou seja, a capacidade do uso da tecnologia deve perpassar o simples manuseio de uma ‘máquina’, essas ferramentas devem contribuir como o meio para a aprendizagem efetiva e, como bem colocado por Tajra (2010, p. 114), “o professor jamais será substituído pelo computador, o que ocorre é a mudança de postura em relação ao processo de ensino-aprendizagem”.

É claro que precisamos pensar no processo de ensino como um processo constituído de relações humanas, nas quais os professores são seres sociáveis que tiveram de lidar com a pressão de, rapidamente, adaptar-se aos recursos tecnológicos e ressignificar sua prática pedagógica, rompendo ou tentando romper com práticas ultrapassadas, mediante o processo de imposição que o “novo normal” trouxe ao sistema educacional.

Nessa direção, Valle e Marcom (2020, p.147) afirmam que “é necessário ter presente as fragilidades apontadas pelos atores envolvidos no processo”. É daí que surge a importância de buscar possibilidades e estratégias para o ensino remoto emergencial, a fim de reduzir os impactos do isolamento social, ou seja, se faz necessário a busca de práticas que amenizem os danos deste isolamento no processo de ensino-aprendizagem, mesmo sabendo que as relações sociais das interações presenciais são essenciais nesse processo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS: ACHADOS DO ESTUDO

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados desta pesquisa. Como já dissemos, tais dados foram gerados a partir do método qualitativo do tipo exploratório, por meio de um formulário elaborado pela pesquisadora que utilizou o *Google Forms*⁴, e disponibilizou 18 questões para serem respondidas. No entanto, com o intuito de alcançar os objetivos da pesquisa, foram utilizadas, apenas, 12 questões. O instrumento de coleta de dados foi enviado para 7 professores, por e-mail, a partir do consentimento da direção da escola pesquisada. O envio aconteceu em 2 etapas: um formulário principal e outro formulário complementar. Todos foram devolvidos e são apresentados, aqui, nesta seção.

A primeira etapa da pesquisa constituiu-se no levantamento bibliográfico acerca da problemática, a fim de construir o aporte teórico para as análises desenvolvidas. A segunda etapa se deu a partir do envio de formulário *on-line*, por meio do *Google Forms*, para respostas dos participantes, a fim de explorar a temática e como os sujeitos a vivenciaram. A terceira etapa da pesquisa consistiu na coleta e análise de dados. Os formulários foram recebidos via e-mail e devolvidos da mesma forma, todo o processo foi realizado de forma *on-line*, devido ao contexto de isolamento social.

Os resultados aqui apresentados partiram do objetivo central de compreender como se deu a prática pedagógica durante o período de ensino remoto emergencial sob o viés do olhar do professor dos anos iniciais,

⁴ *Google Forms* é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários podem usar o *Google Forms* para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro. As informações coletadas e os resultados do questionário serão transmitidos automaticamente. Além disso, o *Google Forms* também possui recursos de colaboração e compartilhamento para vários usuários.

justificando-se pela necessidade de investigação das práticas pedagógicas no ensino remoto emergencial, exercidas durante o período de pandemia, o que é de grande importância social, pois irá contribuir para a análise e compreensão das dificuldades enfrentadas pelos docentes, bem como trará contribuições desta modalidade no processo de ensino-aprendizagem.

Ressaltamos que o cenário da pesquisa foi uma escola particular, situada na cidade de Campina Grande, Paraíba, estabelecimento de ensino bilíngue – português/inglês, que funciona nos turnos matutino e vespertino, e possui em média 190 alunos, oferecendo Educação Infantil e Ensino Fundamental, onde as condições de trabalho são favoráveis para o ensino remoto emergencial, no sentido de suporte de equipamentos e recursos tecnológicos, mesmo antes da pandemia, a escola já fazia uso frequente de recursos tecnológicos como suporte ao processo de ensino-aprendizagem, através da modalidade de ensino híbrido⁵, no entanto, o que está sendo analisado são as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados pelos professores, além da visão docente mediante ao contexto de ensino remoto. Isso significa que, nesta pesquisa, a questão do padrão da escola não foi objeto de estudo, mas, sim, o olhar sobre a prática docente, embora seja reconhecido que a oferta e a escolha de recursos possa ser referência na análise para a satisfação do professor.

A partir dos questionários aplicados, podemos perceber alguns pontos a serem destacados referentes ao ensino remoto emergencial e às práticas pedagógicas realizadas durante este período. As primeiras constatações acerca da pesquisa foram a respeito do uso de recursos tecnológicos, bem como a aquisição de aparelhos para ministrar as aulas. Dos participantes, 71,4% já possuíam aparelhos tecnológicos para a ministração de aulas remotas; 14,3% dos participantes alegaram precisar melhorar a qualidade da *internet* para um melhor desempenho das aulas; outros 14,3% informaram que não possuíam recursos para ministração das aulas remotas, e precisaram recorrer à escola para o fornecimento de equipamentos.

No que se refere aos recursos tecnológicos utilizados para ministração das aulas remotas, obtivemos o resultado de que 100% dos professores utilizaram o *google meet* para aulas síncronas e 85,7% utilizaram o *google sala de aula* como recurso tecnológico. Esses recursos são utilizados a partir de licença adquirida pela escola, desde a educação infantil até o ensino fundamental anos iniciais, em que a coordenação e os professores são responsáveis pela organização e convite para a sala de aula remota através de e-mails institucionais. Outro recurso bastante utilizado pelos professores participantes da pesquisa foi o *power point*, com 71,4% de utilização durante o período de aulas remotas.

Para a questão da formação docente inicial, ou seja, na graduação, bem como a formação continuada para uso de recursos tecnológicos, obtivemos o seguinte resultado: 85,7% dos professores participantes da pesquisa não tiveram formação inicial. Desse modo, os resultados aqui apresentados

⁵ O ensino híbrido, na sua concepção básica, combina e integra atividades didáticas em sala de aula com atividades em espaços digitais visando oferecer as melhores experiências de aprendizagem à cada estudante. No Ensino Híbrido o foco está mais na ação pedagógica dos docentes (no planejamento, desenvolvimento e avaliação do processo).

reforçam a perspectiva abordada no tópico 2 da nossa fundamentação teórica, e que corrobora com a perspectiva trazida por Kenski (1997):

Não é possível pensar na prática docente sem pensar, antecipadamente, na pessoa do docente que está em pauta e em sua formação que, como vimos, não se dá apenas durante o seu percurso nos cursos de formação de professores, mas, permanentemente, durante todo o seu caminho profissional, dentro e fora da sala de aula. (KENSKI, 1997, p. 69).

Neste sentido, Kenski (2013) reforça que é necessário repensar a formação docente para esta nova sociedade, a fim de que os professores sejam habilitados para atuar nas diversas situações, sejam elas emergenciais ou rotineiras. A partir disto, podemos refletir que, nessa sociedade tecnológica, na qual as mudanças e atualizações são constantes, há uma carência no que se refere à formação docente e ao uso de tecnologias como suporte na aprendizagem. Nessa perspectiva, vemos que o nosso ensino superior ainda se prende a práticas engessadas de ensino.

Perguntamos aos participantes se o uso de recursos tecnológicos era comum em suas práticas pedagógicas antes da pandemia e os resultados foram os seguintes: 71,4% dos professores responderam que era comum o uso de tecnologias em suas práticas pedagógicas, através do uso de plataformas de apoio à leitura e ao ensino de matemática, e 28,6% informaram que essa não era uma prática comum.

É importante frisar que a escola onde ocorreu a pesquisa é uma instituição particular e que, em seu programa pedagógico, algumas plataformas de auxílio à aprendizagem já são incorporadas ao cotidiano, como, por exemplo, plataforma de leitura, chamada *Haz Kids*⁶, na qual as crianças têm acesso aos livros disponíveis e gravam a leitura dos livros, a fim de praticar a leitura, bem como auxiliar na avaliação do professor quanto à fluência do aluno. Frisamos, também, que as salas de aula da escola onde realizamos o estudo possuem equipamentos, como data show e *notebooks*, que são utilizados, geralmente, nas aulas presenciais como recursos de auxílio ao ensino e aprendizagem.

Para compreendermos como se deu a prática pedagógica dos participantes do estudo, durante o período de ensino remoto emergencial na pandemia, questionamos aos professores o que mudou em sua prática pedagógica durante este contexto.

Aqui, apresentamos um quadro de respostas sobre a prática pedagógica dos professores participantes desta pesquisa:

Quadro 1 - Mudanças na prática pedagógica durante o ensino remoto na pandemia

Professor 1	<i>A utilização dos recursos tecnológicos foi, sem dúvida, a maior mudança em minha prática pedagógica. Já usava alguns recursos, mas tive que me reinventar em frente a uma tela na busca da interação dos alunos nos momentos das aulas, fazer com que eles continuassem interessados enquanto estavam em casa com tantas distrações.</i>
--------------------	---

⁶ Plataforma de apoio à leitura utilizado na escola.

Professor 2	<i>Aprendi um pouco mais a utilizar a tecnologia a meu favor durante as aulas.</i>
Professor 3	<i>Professores e alunos aprenderam muitas habilidades que potencializaram seu letramento digital.</i>
Professor 4	<i>Acredito que o ensino remoto nos mostrou a necessidade de flexibilização. Ser aberto a mudanças e flexibilizar o currículo, quando necessário. Além do mais, consigo, hoje, a partir dessa experiência, inserir ainda mais a tecnologia dentro das minhas aulas e incentivar os alunos também.</i>
Professor 5	<i>Conseguir utilizar mais vídeos e imagens durante as aulas foi uma mudança positiva. Um desafio importante que enfrentei foi como fazer correção das atividades dos alunos e conseguir dar um feedback sobre as atividades. Outro entrave encontrado foi avaliar os alunos que não enviavam as atividades para a plataforma.</i>
Professor 6	<i>Consigo conciliar a tecnologia e a sensibilidade do presencial em minhas aulas e tenho visto bons resultados.</i>
Professor 7	<i>Foi despertada uma maior necessidade de perceber características sócio emocionais em nossos alunos, bem como ter uma sensibilidade frente às dificuldades enfrentadas (tanto entre alunos e com as famílias). A máxima: "fazemos o que podemos" nunca esteve tão presente em nossas vidas, os desafios foram/são enormes e, a cada dia que passa, temos que nos reinventar.</i>

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

A partir da análise das respostas obtidas, destacamos a importância da *flexibilização*, como podemos ver na resposta do *professor 4*, na qual se ressalta a relevância da flexibilização do currículo, que corrobora com a visão de Valle e Marcom (2020), quando os autores afirmam que o desafio está na tentativa de romper com paradigmas e práticas que se edificaram nas escolas como indiscutíveis, indissolúveis e intransponíveis.

A partir das respostas dos participantes, como referenciamos no quadro 1, foi possível perceber que houve uma mudança no que se refere à adaptação e ao uso dos recursos tecnológicos para as aulas remotas, no sentido de contribuição na prática pedagógica, como foi possível perceber nas respostas dos *professores 1, 2, 3, 5 e 6*, nas quais os docentes apontam a utilização da tecnologia como aliada ao processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto realizado durante a pandemia.

Essas respostas contribuem para a perspectiva que abordamos no tópico 5, em que a prática pedagógica precisou ser ressignificada, a fim de

atender aos objetivos emergenciais do ensino remoto emergencial. Nesse sentido, Valle e Marcom (2020) declaram que:

O professor precisa criar alternativas para conseguir dar conta das demandas que se apresentam, especialmente no uso das tecnologias para mediar o processo de ensino-aprendizagem, buscando desenvolver e experimentar diferentes propostas para tornar este processo mais próximo das condições que possibilitem ao aluno apropriar-se do conhecimento sem a interação a que estavam acostumados com o ensino presencial, criando outras formas de intervenções igualmente qualificadas. (VALLE; MARCOM, 2020, p. 146).

Ainda sobre as mudanças na prática pedagógica, destacamos a resposta do *professor 7*, que traz a reflexão acerca da necessidade da percepção emocional dos alunos e família, bem como dos professores, que enfrentaram momentos difíceis durante o isolamento social. Diante disso, “é necessário ter presente as fragilidades apontadas pelos atores envolvidos no processo objetivando não deixar ninguém à mercê da própria sorte” (VALLE; MARCOM, 2020, p. 147).

A fim de alcançar o objetivo de identificar quais foram as maiores dificuldades enfrentadas na ministração de aulas remotas, perguntamos aos professores quais foram as dificuldades acerca do ensino remoto, conforme apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 2 - Desafios enfrentados no ensino remoto na pandemia

Professor 1	<i>Já os pontos negativos, são que nem todos os alunos têm acesso à essas aulas on-line e nós, professores, não conseguimos avaliar, propriamente, o aprendizado do aluno.</i>
Professor 2	<i>Em contrapartida, destaco como um aspecto mais dificultoso a mediação mais individualizada. Infelizmente, sem o contato mais próximo, e, às vezes, tendo que instruir os pais ou responsáveis como intervir, esse trabalho de personalização foi o mais difícil de remodelar.</i>
Professor 3	<i>Trabalhar em casa (as demandas da casa ficam confusas com as demandas do trabalho), lidar de forma abrupta com tantas novidades.</i>
Professor 4	<i>Avaliar atividades escritas; contar com o apoio de pais para nos enviar atividades feitas dos alunos; prender a atenção do aluno; Longo tempo de tela diário.</i>
Professor 5	<i>Dificuldade de corrigir atividades à distância e acompanhar melhor a escrita dos alunos, colaborando com a correção em tempo real das atividades.</i>
Professor 6	<i>Manter o interesse dos alunos nas aulas e controlar os turnos de falas.</i>

Professor 7	<i>O ponto negativo é a correção dessas atividades e o acompanhamento da escrita. Muito difícil observar como os alunos estão escrevendo do outro lado da tela.</i>
--------------------	---

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

A partir da análise das respostas dos professores, é possível perceber que várias dificuldades foram apontadas, dentre elas, a questão da avaliação das atividades realizadas que aparece em várias respostas, aspecto observado mesmo os professores que praticavam a modalidade de ensino híbrido⁵ em sua rotina pedagógica. Os *professores 4, 5 e 7* afirmaram que a correção das atividades de escrita foi uma das maiores dificuldades enfrentadas no ensino remoto, uma vez que, devido ao contexto de isolamento social, não foi possível avaliar, de forma concreta, a escrita dos alunos. Outra dificuldade muito presente é a de manter a atenção dos alunos durante as aulas, haja vista que há muitas distrações em casa e, por vezes, as crianças não conseguem prender a atenção apenas no professor. Nesse sentido, Kenski (2003) sugere que:

Seja criado um clima de aprendizagem que envolva e motive os alunos para a expressão de suas opiniões. Um procedimento que se preocupe mais em fazer perguntas e deixar que os alunos respondam livremente e cheguem aos seus resultados por muitos e diferenciados caminhos. (KENSKI, 2003, p. 08).

O *professor 1* destacou que sua dificuldade foi a de que alguns alunos tiveram problemas em acessar as aulas remotas e que, por esse motivo, não conseguiu avaliar apropriadamente o aprendizado durante o ensino remoto. O *professor 2*, por sua vez, apresentou como dificuldade enfrentada o acompanhamento individualizado, que era realizado na rotina presencial, e destacou, também, que precisou orientar os responsáveis a realizar as atividades que o aluno tinha mais dificuldade. Por fim, o *professor 3* alegou que a maior dificuldade enfrentada foi a de conciliar a rotina pessoal de casa com as aulas remotas.

A fim de verificar quais foram as contribuições do ensino remoto no processo de ensino-aprendizagem, perguntamos aos professores se eles consideravam o ensino remoto importante no contexto de pandemia de Covid-19, conforme apresentamos no quadro 3:

Quadro 3 - No sentido de aprendizagem e rendimento, você considera o ensino remoto importante durante o período de pandemia?

Professor 1	<i>No meu ponto de vista, foi bem importante, pois os alunos ainda mantiveram o contato com os conteúdos, então, no retorno às aulas presenciais, teremos menos pontos a serem retomados, diminuindo, assim, o prejuízo para as crianças.</i>
Professor 2	<i>Acredito que sim. Pelo menos, na minha realidade de escola privada, temos colhido bons resultados.</i>
Professor 3	<i>Sim, é importante!! Acredito que a aprendizagem e a socialização não ocorrem da mesma forma que de maneira presencial, mas, diante da nossa realidade atual, o ensino</i>

	<i>remoto é muito importante. Já imaginou essas crianças sem receber nenhum tipo de estímulo por todos esses meses? É impensável!!</i>
Professor 4	<i>Considero essencial. Quando feito com qualidade, vemos reais evidências de aprendizagem.</i>
Professor 5	<i>Sim! Apesar de não se comparar com o ensino presencial, as crianças também aprendem através dessa nova modalidade.</i>
Professor 6	<i>Durante esse período sim, pois encontramos uma forma de não deixar "parar", contudo, sabemos que ele não é suficiente para a ser considerado um bom ano escolar.</i>
Professor 7	<i>Considero muito importante. O prejuízo na aprendizagem dos alunos seria bem maior se eles não tivessem participando das aulas. Os alunos que têm maior apoio dos pais demonstram melhor rendimento. Participam de todas as aulas, fazem todas as atividades, tiram dúvidas e apresentam suas próprias conclusões acerca do que estudaram.</i>

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

No quadro anterior, obtivemos as percepções acerca das contribuições do ensino remoto, no sentido de aprendizagem e rendimento dos alunos. Todos os participantes afirmam que o ensino remoto trouxe bons frutos para os discentes. Pela fala dos professores, é possível perceber que eles consideraram importante essa modalidade de ensino no período de pandemia. E, nesse sentido, conseguimos observar que os recursos tecnológicos, quando usados de forma correta e alinhada aos objetivos, como bem colocamos em nosso capítulo 4, contribuem para a inserção de novas formas de aprendizagem. Nessa direção, Kenski (2003) ressalta que:

As atuais tecnologias digitais de comunicação e informação nos orientam para novas aprendizagens. Aprendizagens que se apresentam como contribuições criativas, fluidas e mutáveis, que contribuem para que as pessoas e a sociedade possam vivenciar pensamentos, comportamentos e ações criativas e inovadoras, que as encaminhem para novos avanços socialmente válidos no atual estágio de desenvolvimento da humanidade. (KENSKI, 2003, p. 09).

Dessa forma, podemos compreender que, apesar das dificuldades enfrentadas, foi possível colher frutos do ensino remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19, conforme os participantes destacaram em suas falas. No entanto, esclarecemos, que essa modalidade não substitui o ensino presencial, como já discutimos aqui, pois a educação também ocorre a partir das relações pessoais.

Os professores fizeram algumas considerações acerca do ensino remoto no contexto pandêmico, conforme apresentamos no quadro 4:

Quadro 4 - Quais considerações você destaca sobre o ensino remoto frente ao contexto de pandemia?

Professor 1	<i>Para aqueles que conseguiram aderir ao ensino remoto, ele foi de extrema importância no contexto de pandemia. Assim, o professor conseguiu continuar ministrando os conteúdos programados de forma adaptada e não perdeu o vínculo com seu aluno. Diante da situação que vivemos, o ensino remoto foi a solução mais viável para que o prejuízo acadêmico não fosse total.</i>
Professor 2	<i>Importante diante da dificuldade do momento e da proibição das aulas presenciais.</i>
Professor 3	<i>Buscamos o uso de recursos que facilitaram o ensino à distância, estreitamos o contato com os pais mesmo com a separação física, e conseguimos resultados positivos de aprendizagem.</i>
Professor 4	<i>Podemos destacar a importância de oportunizar, ao aluno-professor em sua formação inicial e profissionais em suas formações continuadas, o conhecimento de utilização dos recursos para o modelo remoto. A pandemia exigiu uma adaptação muito rápida dos profissionais da educação para o novo modelo, então, acredito que, futuramente, quando outra necessidade se apresentar, estaremos mais preparados. Outra consideração sobre o ensino remoto é a sua insuficiência para alguns aspectos que abarcam o conjunto ensino-aprendizagem. Infelizmente, o ensino remoto nos tira a oportunidade de socialização das crianças, o contato mais próximo com o professor, e o acompanhamento das necessidades individuais de cada aprendiz.</i>
Professor 5	<i>Foi um momento muito difícil. Primeiro, o medo e preocupação em relação à nossa saúde. Depois, a preocupação de aprender a usar as ferramentas tecnológicas para ensinar de uma maneira que nunca tínhamos feito. Houve, também, a exigência por parte da escola para que, em pouco tempo, pudéssemos iniciar as aulas remotas para evitar maiores prejuízos aos alunos. Tivemos que aprender a usar as ferramentas ao mesmo tempo que ministrávamos as aulas.</i>
Professor 6	<i>Por mais que tenhamos recursos tecnológicos para auxiliar nas aulas, nada substitui o contato corpo-a-corpo com os alunos. Essa perda será irreparável.</i>
Professor 7	<i>A manutenção do processo de ensino-aprendizagem deve ser mantida, mesmo que com limitações no contexto de pandemia. Para que este processo aconteça, o ensino remoto tem demonstrado resultados. Claro que se deve levar em consideração os recortes</i>

sociais, acesso à tecnologia e contexto socioemocional de cada um.

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

A partir da fala dos participantes, vemos que, sem dúvida, o ensino remoto foi importante para evitar o prejuízo total de um ano letivo. É perceptível, no discurso dos participantes, que o ensino remoto permitiu que a aprendizagem acontecesse, ainda que tenha sido um processo difícil, como aparece na fala do *professor 5*, que, devido à urgência do momento, precisou se adaptar, rapidamente, aos recursos tecnológicos para a ministração das aulas, tendo, inclusive, que aprender a utilizar os recursos durante a ministração das aulas. Nessa perspectiva, Kenski (1997, p. 70) ressalta que “é preciso que este profissional tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limite”.

Destacamos, aqui, que o *professor 4* ressalta a importância de uma formação continuada dos professores, formação essa que inclua o uso de tecnologias, uma vez que vivemos em constante transformações, não apenas em caráter emergencial, como aconteceu durante a pandemia. Assim, visando uma prática pedagógica mais significativa, é preciso repensar a formação docente, para que esta contemple, também, a formação tecnológica:

Formar professores com qualidade e conhecimento teórico e prático para atuar em múltiplas frentes, além dos espaços tradicionais da educação regular – como educação a distância; educação mediada pelas tecnologias; educação cooperativa; empreendedora inclusiva etc. -, é uma necessidade que a nova cultura e a nova sociedade exigem. (KENSKI, 2013, p. 91).

Outra questão vista em nosso estudo foi o fato de que, para os professores participantes, o ensino remoto não substitui a interação presencial, uma vez que precisamos de interação, somos seres sociáveis e esse contato é importante, como foi destacado pelo *professor 6*. Nesse sentido, convergimos com Masetto (2006), quando o autor afirma que a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem, as tecnologias, portanto, são o meio para a aprendizagem. No entanto, elas não substituirão o papel do professor como mediador do conhecimento, bem como as relações humanas que ocorrem no processo de ensino-aprendizagem, seja presencial ou remoto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2020, encontramos um cenário de muitas mudanças que impactaram a educação. Nesse sentido, a comunidade escolar, como um todo, passou por momentos difíceis, mas, principalmente, de muito aprendizado e crescimento.

Diante do que vivenciamos no ensino remoto emergencial na pandemia, foi possível perceber que nossa educação ainda vive de métodos cristalizados e currículos engessados, no entanto, a partir do estudo que aqui realizamos e apresentamos, vimos que é possível, sim, obter resultados satisfatórios no

processo de ensino-aprendizagem a partir do uso de recursos tecnológicos e do ensino remoto.

Através desta pesquisa qualitativa exploratória sobre a prática pedagógica no ensino remoto emergencial durante a pandemia de covid-19, destacamos algumas percepções a partir do olhar do professor. A primeira constatação é a de que o cenário da escola pesquisada corrobora no favorecimento para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no ensino remoto, uma vez que era rotineiro o uso de recursos tecnológicos nas aulas presenciais, estes como elementos complementares à aprendizagem. A segunda observação foi a de que a formação docente ainda não está adequada às mudanças tecnológicas que se mantêm presentes em nossa sociedade e, com a necessidade do ensino remoto emergencial, esse déficit na formação docente ficou em evidência, mostrando, assim, que é necessário repensar a formação do professor, com a inclusão da formação contínua para o uso das tecnologias como aliada ao cotidiano do processo de ensino-aprendizagem.

Outro fato apresentado em nosso estudo foram as mudanças que ocorreram na prática pedagógica, haja vista que os professores precisaram ressignificar suas práticas a fim de alcançar os objetivos propostos pela escola. Nesse sentido, é indispensável pensar na formação docente juntamente com a qualificação no uso dos recursos tecnológicos, não apenas em caráter emergencial, mas, é preciso refletir sobre a formação pedagógica de modo que o professor aprenda novas práticas, a fim de possibilitar novas formas de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o contexto instaurado no ano letivo de 2020 deve ser utilizado como forma de romper com tradicionalismo e estilos enraizados, que dificultam a oportunidade de mudanças e crescimento.

Ressaltamos que a escola pesquisada possui subsídios para que o ensino remoto aconteça da melhor forma. Não só neste cenário emergencial, mas, também, durante o ensino presencial, a escola já apresentava o uso de recursos tecnológicos como aliados ao processo de ensino-aprendizagem, e, como funcionária e observadora deste cenário, acreditamos que é possível obter êxito no ensino remoto, quando há comprometimento da comunidade escolar e busca de subsídios para exercer, da melhor forma, a prática pedagógica.

Por fim, podemos concluir que, a partir das vivências do ensino remoto emergencial, pensar em um novo perfil de professor é essencial, além de ressignificar a prática pedagógica. É um momento, pois, de oportunizar as mudanças, ainda que seja em um tempo de incertezas, imprevisibilidade e fragilidades, abrindo um amplo debate sobre a formação docente a fim de oportunizar o uso de recursos tecnológicos como aliados ao ensino-aprendizagem. Apesar de não estarem, totalmente, preparados para o enfrentamento desta realidade, os professores encaram o desafio desempenhando e ressignificando suas práticas. Sem dúvida, o papel do professor e a importância da escola como transformador social, a partir das interações pessoais, ficam em evidência, além dessa nova realidade possibilitar a construção de novas práticas e um desenvolvimento coletivo de novos conhecimentos através da apropriação de novas tendências pedagógicas aliadas ao uso dos recursos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. S; TAROUCO, L. M. R. **Mídia na Educação: a pedagogia e a tecnologia subjacentes**. 1ª. Ed. Porto Alegre: Evangraf, 2017.
- BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 62ª Ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem Mediada pela Tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**. n.10, p. 47-56, set/dez. 2003.
- KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. n.08, p. 58 -71 mai/ago. 1997.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. 1. Ed. Campinas: Papirus, 2013.
- Lei Federal Nº 9.394**, de 20 de dezembro De 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 28 fev. 2021.
- LIBANEO, José Carlos. **Pedagogias e pedagogos: inquietações e buscas**. Revista Educar. n.17, p. 153-176. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, I. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 10ª. Ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, J. Ensino híbrido: emergência ou tendências. **Gazeta do povo**, 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/o-ensino-hibrido-emergencia-ou-tendencia/>. Acesso em: 17 de mai. 2021.
- NÓVOA, Antonio. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sindicato dos professores de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em https://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 07 mar. de 2021.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação**: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade. 8ª Ed. Revisada e Ampliada. Ed. Érica, 2010.

AGRADECIMENTOS

A todos que contribuíram, de alguma forma, para esta conquista, não tenho palavras para agradecer.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por me capacitar e me dar forças para não desistir quando o desespero e o desânimo tomaram conta.

Ao meu pai, Francisco Evilásio da Silva, deixo aqui minha gratidão por sempre me apoiar e me incentivar. Agradeço a minha mãe, Selma Oliveira de Farias, ao meu marido Mchyuri Rodrigues Soares, que esteve ao meu lado nesta caminhada.

À minha gratidão a minha Mestra Maria Lúcia Serafim (Malu Serafim), que, com sua doçura e empatia, me orientou e me motivou a fazer o melhor, sem dúvidas seu apoio me fez seguir em frente com muita determinação e certeza de que faríamos o melhor.

Por fim, meus agradecimentos à banca examinadora Prof. Dra. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha e Profa. Dra. Maria do Rosario Gomes Germano Maciel, que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.